

Concordância verbal: uma análise sob a perspectiva do educando com necessidades educacionais especiais nos AADC

Lucas Tomaz de Jesus dos Santos¹

Orientado pela Professora Dra. Ulisete Rodrigues de Souza Rodrigues²

Resumo: Tarallo (1994, p. 7), afirma a importância da sociolinguística quantitativa no contexto de meados do século XX na análise de dados linguísticos a partir de sua ótica social.

Nesse sentido, sob o viés da sociolinguística, este trabalho procurará identificar traços da variante "concordância verbal" em alunos com necessidades educacionais especiais (ENEE) que estudam no Centro de Ensino Especial 01 de Planaltina, Brasil, tendo como ponto de partida o aluno com aparente dificuldade de comunicação (AADC). Entender os estigmas sociais por trás dessa variante no AADC, sob o ponto de vista da concordância verbal, é essencial para os nossos estudos linguísticos, tendo em vista que não existem estudos aprofundados sobre a questão.

Portanto, far-se-á uma análise aprofundada sobre as falas desses alunos e suas imediatas relações com o fenômeno da concordância verbal, em seus múltiplos aspectos.

Palavras-chave: Variação/mudança linguística, concordância verbal, ENEE, estigma.

Abstract: Tarallo (1994, p. 7), affirms the importance of quantitative sociolinguistics in the context of mid-twentieth century in the analysis of linguistic data from a social standpoint.

In this sense, considering the look of sociolinguistics, this paper will seek to identify traits of the variant "verbal agreement" for students with special educational needs (SSEN) studying at the Center for Special Education 01 Planaltina, Brazil, taking as its starting point the student with apparent difficulty of communication (SADC). To understand the social stigma behind SADC in this variant, from the point of view of the verb agreement is essential for our studies language, considering that there are no detailed studies on the subject.

Therefore, a thorough analysis of the speeches of these students and their immediate relations with the phenomenon of verb agreement in its many aspects it will make.

Keywords: Range / language change, verb agreement, ENEE, stigma.

¹ lucastomazdf@hotmail.com

² uli.rs@terra.com.br

I. REVISÃO DA LITERATURA

A temática da concordância verbal (CV) exposta nas gramáticas pedagógicas tradicionais possui grandes problemáticas linguísticas sociais (ESPINÓLA, 2006). Conseguimos identificar um grande número de variantes para a variável da CV, como, por exemplo, o fenômeno da terceira pessoa do singular aparecer substituindo a forma canônica da terceira pessoa do plural, como no exemplo de “corre todos os seus criados”, demonstrado pela pesquisadora Joana Lopes Alves, em seu sobre *A linguagem dos pescadores de Ericeira*, publicado em 1965.

Podemos perceber a problemática das gramáticas tradicionais analisando suas definições para concordância verbal.

Segundo BECHARA (1964, p.362), “diz-se concordância verbal a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração”. Nesse sentido, não é considerado correto a utilização, por exemplo, de morfema Ø. Se não temos o reconhecimento formal das formas mais comumente utilizadas pelas classes desprivilegiadas, somos induzidos ao estigma linguístico em suas diversas formas de preconceito. Bagno (2006) evidencia que o não entendimento sobre os efeitos das formas não padrão de comunicação produz preconceitos linguísticos, principalmente na camada [+cultura] da população. Percebemos tal fato em nosso cotidiano, tendo em vista os diferentes dialetos que, ao entrarem em contato com regiões de predominância linguística [+formal], encontram estigmas sociais, como nos casos das famílias do

nordeste que migram para as regiões mais centrais do Brasil.

Salgado (2001, p. 161) afirma que a regra geral da concordância verbal é que “o verbo concorda em número (singular e plural) e pessoa (primeira, segunda e terceira) com o sujeito”. Também nessa gramática tradicional pedagógica não encontramos menções às formas não padrão de concordância verbal tendo em vista as estruturas de economia linguística, como, por exemplo, a marcação de plural apenas no primeiro item da frase. Tal fato é linguisticamente natural em muitas línguas, tais como o inglês, que não marca numericamente os adjetivos, mesmo quando a frase é posta em plural.

Ao contrário da visão tradicionalista, podemos identificar algumas posições de linguistas que estão mais abertos para os processos motivadores de determinadas escolhas que fogem à gramática prescritiva. Melo (1951) é um exemplo de tal posição. Para o autor, a ausência da concordância (representada pelo morfema Ø), identificada na fala das camadas sociais mais baixas da sociedade, não representa um problema na significação da mensagem, tendo em vista que isso reflete uma lei menor de esforço do falante para simplificação da mensagem. Bagno (2006) enfatiza que tal processo é econômico, sob o ponto de vista linguístico.

Segundo Espinola (2006), para a perspectiva variacionista, “a ausência de concordância entre os elementos do SV é vista como decorrente de fatores estruturais e sociais e esse fenômeno

segue um curso evolutivo no português falado do Brasil”.

Para a concepção do linguista MARROQUIM (1934,p.71). algumas formas como *quizerom, mataram, pediram*, transformaram-se em *quizéro, matáro, pediro*, na língua popular, devido a uma força natural das línguas que agem na eliminação das nasais. Tal visão pode ser aproveitada em possíveis estudos linguísticos para entender, por exemplo, evoluções linguísticas em andamento,

Tarallo (1985) introduz o conceito de “envelope de variação”, que é o elencamento, a sistematização das variantes adversárias, como no exemplo das adversárias [s] e [Ø] que são muito comuns na CV do português do Brasil. Segundo Lima & Freitag (2010), “envelope de variação é o conjunto de variáveis dependentes e independentes que influenciam um dado fenômeno linguístico variável”. Evidenciar os contrastes de variantes condizentes com o envelope de variação torna-se, portanto, imprescindível.

Nesse sentido, percebemos claramente que existe um contraste acerca do fenômeno da concordância verbal tendo como ponto de partida a concepção sociolinguística em contraponto à maneira tradicionalista e gramatical de ver este fenômeno. De um lado, um sistema que ainda traz consigo consequências estigmatizantes, de outro, uma metodologia linguística que procura entender os processos embutidos nas falas naturais. Este trabalho utiliza-se de ambas, no entanto, ressalta as explicações sociolinguísticas com a finalidade de entender as diferentes manifestações

linguísticas existentes no português, sob a perspectiva do ENEE com aparente dificuldade de comunicação.

II. METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido com base na Teoria da Variação, seguindo os princípios da sociolinguística quantitativa. Tivemos como variável extralinguística o sexo, idade e a especificidade do ENEE.

Tendo como variável linguística, podemos destacar o fenômeno da utilização de morfemas zero para a primeira pessoa do plural, em casos como “a gente vai”. Além disso, a utilização de formas verbais no infinitivo após pronomes de primeira pessoa do singular, sem a presença de preposição, são muito recorrentes em AADC, como, por exemplo, “eu gostar desenhar”.

As análises de dados foram coletadas a partir de entrevistas feitas no Centro de Ensino Especial 01 de Planaltina e a partir da análise de entrevistas com ENEE’s presentes no Youtube.

Analizamos a fala de 7 alunos especiais. R.D (homem, 21 anos, classe média baixa) e M.C (mulher, 16 anos, classe baixa). Ambos com síndrome de down. M.L (homem, 14 anos, classe média alta), deficiente auditivo. C.E (homem, 9 anos, classe média baixa), possui transtorno mental. A.M (mulher, 25 anos, classe média alta), deficiente intelectual. E.R (homem, 24 anos, classe baixa), deficiente intelectual. F.E (mulher, 31 anos, classe alta), possui síndrome de down.

Utilizamos, nos dos primeiros alunos, questionários aleatórios que forçassem a

concordância verbal, de modo a tornar a conversa mais descontraída e mais aberta para um diálogo natural. Nas entrevistas subsequentes, os entrevistados também utilizaram de aspectos cotidianos da vida do ENEE para conseguir uma conversação mais espontânea.

Durante a nossa visita ao Centro de Ensino Especial 01, a professora que nos acolheu estava tratando, em ensino de línguas, a temática de preconceito linguístico com os alunos, o que, de certa forma, nos proporcionou uma boa avaliação subjetiva. A professora Stella Barreiros nos disse que, ao tratar de poemas na temática do variação linguística, ela gosta de usar o poema Pronominais, de Oswald de Andrade, e a música Cuitelinho, de Pena Branca e Xavantinho.

Nesse sentido, procuramos relacionar os conceitos teóricos com os dados empíricos coletados nas entrevistas, de modo a poder identificar fenômenos linguísticos referentes à CV.

III. ANÁLISE DOS DADOS

4.1. E EU.... AO INFINITIVO E ALÉM!:

O USO DO INFINITIVO APÓS A PRIMEIRA PESSOA DO SINGULAR.

A concordância verbal após a utilização do pronome “eu” pode acontecer, levando em conta a pragmática do uso, com utilização de infinitivo, sem a presença de preposição, com a utilização de infinitivo, com a presença de preposição, ou sem a utilização de infinitivo.

4.1.1. COM A UTILIZAÇÃO DE INFINITIVO, SEM A PRESENÇA DE PREPOSIÇÃO:

a) “de tarde? **Eu** faço, faço... de tarde... **botá** remédio no meu olho. Mas minha turma...fa... a gente brinca muito.” (RD)

Percebemos que neste caso, devido à dificuldade aparente de comunicação, o falante inicia a utilização de um verbo (faço), e, após o não êxito em terminar a frase utilizando o primeiro verbo, ele escolhe utilizar outro verbo colocando-o no infinitivo (botá- botar) após um momento de pausa.

Deve-se destacar, também, que, neste caso, a utilização do infinitivo visa o alcance do tempo presente do indicativo.

b) “Ela é, cumi ué. Kandu fachu nada in casa ela... ela biga cumigu. Eu... **arrumar** casa e ela num fazê.” (A.M)

Podemos identificar a presença do infinitivo (arrumar) após o pronome pessoal também neste exemplo. A semelhança estabelecida é que, devido a uma primeira dificuldade de expressão (nesse caso representada apenas pela pausa), o aluno escolhe o verbo no infinitivo, novamente vindo após uma pausa.

Um dado interessante, mas que não encontra relevância neste trabalho acadêmico, é que, nessa mesma fala citada, o falante opta por utilizar o infinitivo após a primeira pessoal do plural (fazê-fazer). Apesar de não encontrar muitos exemplos dessa utilização fica evidente a possibilidade do fenômeno na língua.

4.1.2. COM A UTILIZAÇÃO DE INFINITIVO, COM A PRESENÇA DE PREPOSIÇÃO (ESTE FENÔMENO É EVIDENCIADO QUANDO SE É UTILIZADO UM VERBO TRANSITIVO INDIRETO :

a) “Eu gosto de desenhar alguns animal... tamém tem as galinha... ma, mas... quando to em casa eu faço um monti de pessoa também. Eu gosto desenhá eles.” (M.C)

Tal fato é muito comum no português, mas a restrição de verbos que fazem esse tipo de uso também é muito evidente. O verbo gostar é o mais exímio exemplo. No contexto das escolas especiais é muito comum a interação linguística dos professores que busquem o incentivo da consolidação da personalidade, destacado pela professora que nos atendeu. Nesse sentido, os professores utilizam muitas perguntas com o verbo gostar, como, por exemplo, “o que você gosta de fazer?”.

Nesse exemplo percebemos que temos como fenômeno linguístico o paralelismo formal, que é uma tendência em que o falante repete a mesma palavra no discurso com o intuito de manter a coesão textual. Quando o falante repete a posição individual “eu gosto”, ele utiliza-se do infinitivo imediatamente após o verbo, nos remetendo ao tópico anterior. Nesse sentido, temos duas aplicações diferentes para a concordância com o pronome “eu”.

b) “Não. Eu não gosto de brincar nhão.” (M.L). Este exemplo reforça a utilização do verbo gostar no contexto comunicativo do ENEE.

4.1.3. CONCORDÂNCIA COM AS DESINÊNCIAS FORMALMENTE EXIGIDAS:

a) “eu gosto de suco... macujá, que mia mãe pega...limão. era tanto fazer manga também, eu faço caju, que compra. Minha mãe com...pra maçã, pra zê suco, só.” (R.D)

Podemos perceber que, apesar de o mesmo falante recorrer ao uso do infinitivo para expressar noções de presente, ele também utiliza a forma canônica ditada pelas gramáticas e pelo prestígio social.

b)“Olha, eu. Eu troco o dia pela noite. Porque eu só. Eu dur. Eu durmo tarde i eu acordu só a tardi. Na. Quandu eu tenho algum compromisso cum. Cum meu tiatru, qui eu sô atriz Du tiatru novu, sábi..A gente sempre dá um jeio.” (F.E)

Neste caso possuímos vários exemplos do uso de prestígio da forma canônica da CV. Por conseguinte, faz-se necessário entendermos as variáveis extralinguísticas para que possamos buscar justificativas para a oscilação entre a utilização ou não de formas no infinitivo após a primeira pessoal do singular.

4.2. DESMASCARANDO AS MASCARAS DA MÁSCARA SOCIAL

UMA ANÁLISE DOS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS.

Tendo como ponto de partida os usos ou não do infinitivo posposto ao pronome pessoal, tivemos os seguintes resultados, relativos à quantidade de

Utilização total do infinitivo imediatamente após a primeira pessoa do singular, sem preposição	18
Utilização canônica	30

vezes de cada forma verbal utilizada pelo ENEE :

À primeira vista, é evidente que a utilização canônica é a mais comum do que o infinitivo posposto imediatamente ao pronome pessoal da primeira pessoa do singular sem preposição. No entanto, devemos contrastar alguns dados de cunho social nessa utilização.

CLASSE BAIXA	Utilização total do infinitivo imediatamente após a primeira pessoa do singular	6
	Utilização canônica	4
CLASSE MÉDIA BAIXA	Utilização total do infinitivo imediatamente após a primeira pessoa do singular	8
	Utilização canônica	6
CLASSE MÉDIA ALTA	Utilização total do infinitivo imediatamente após a primeira pessoa do singular	1
	Utilização canônica	2
CLASSE ALTA	Utilização total do infinitivo imediatamente após a primeira pessoa do singular	0
	Utilização canônica	9

Nesse sentido, é importante destacar que as classes mais baixas oscilam entre a utilização do infinitivo imediatamente após a primeira pessoa do singular, sendo que, comumente, utilizam esta forma após um momento de dificuldade comunicativa.

Vale ressaltar, também, que a entrevistada F.E, somente utilizou a forma canônica. Tal fato pode ser explicado pelo fato de ela ter contato com pais jornalistas. Portanto, eles utilizam com menos frequência as formas mais estigmatizadas do português. Por outro lado, falantes como R.D e M.C, que possuem pais menos escolarizados (ambos não terminaram o ensino médio), utilizam mais comumente as formas estigmatizadas, mesmo que não seja a mesma forma utilizada pelos pais. Ou seja, a não utilização de formas padrão por parte dos pais/família abre espaço para outras possíveis utilizações não-formais nos filhos.

Agora, vejamos o fenômeno sob o ponto de vista do gênero.

HOMENS	Utilização total do infinitivo imediatamente após a primeira pessoa do singular	13
	Utilização canônica	16
MULHERES	Utilização total do infinitivo imediatamente após a primeira pessoa do singular	5
	Utilização canônica	14

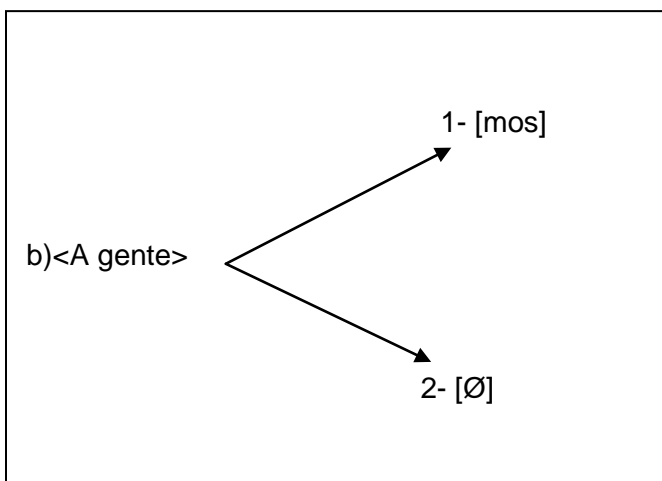
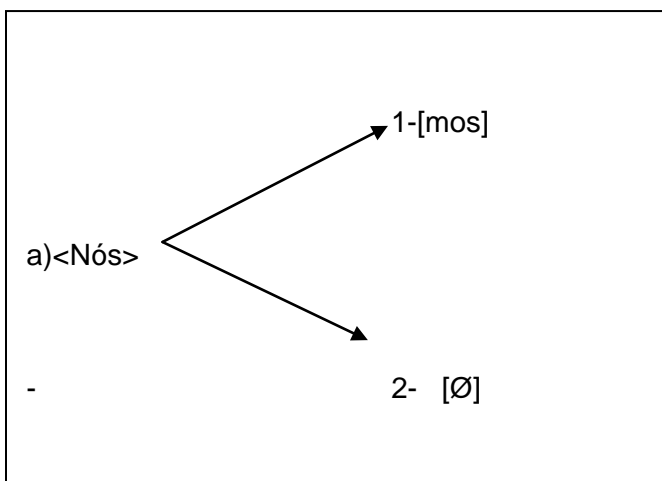
Diante dos dados, percebemos que o grupo 2 tende a utilizar a forma canônica. O contato com

a formalidade e com o estigma a longo prazo seja, talvez, o grande fator preponderante.

4.3. "MAIS O CERTO É "NÓIS" VAI OU A GENTE VAMOS, FÊSSOR?"

UMA ANÁLISE DO FENÔMENO VARIÁVEL A GENTE X NÓS

No fenômeno de variação entre nós/ a gente, temos quatro possibilidades. São elas:



Em nossa pesquisa, tivemos predomínio da utilização de b-2, fato que nos surpreendeu bastante. Devemos destacar, contudo, que apenas um caso de utilização de a-1 foi encontrado (forma, pois, mais privilegiada pela gramática

tradicional), porém, a falante F.E utilizou-se, predominantemente, de b-2. Diante disso percebemos que o uso de a-1 não é o comum na fala dos ENEE's entrevistados

4.3.1. UTILIZAÇÃO DE A GENTE + Ø:

a) "A gente não goxsta di brigar, não gosxto di (pausa pra tentar se colocar), no gosxto de libraze e li...eu pedir prus professor..." (M.L)

O falante, visivelmente modificado em sua postura de falar (representado pela postura de conversa) opta por utilizar a forma "a gente não gosta", que é muito comum na fala coloquial e informal.

b) "Num sei. A gente jo.. ga um monti de coisa... a gente faz isso.. (sorriso e gesto de "não sei" com as mãos)". (C.E)

Nesse caso, o falante utiliza o "a gente" duas vezes seguidas, como uma espécie de paralelismo formal para reforçar sua ideia, optando, como demonstrado, pela forma a gente + Ø. Também enfatizamos que o falante estava à vontade no momento da fala, chegando, portanto, mais próximo do natural.

c) "A gente gosta... eu gosto tia Beth.." (M.C)

Podemos notar que o falante inicia com a forma plural, iniciada por a gente + Ø, e termina com uma forma no singular. Segunda a professora Stella Barreiros, que nos acolheu na visitaçãõ à escola, os ENEE'S tendem à individualizaçãõ da fala, ou seja, eles reduzem ao máximo expressões que envolvem o coletivo, fato minimamente demonstrado nesse exemplo.

4.3.2. UTILIZAÇÃO DE NÓS + MOS.

a) "Olha, eu. Eu troco o dia pela noite. Purque eu só. Eu dur. Eu durmo tarde i eu acordu só a tardi. Na. Quando eu tenho algum compromisso

cum. Cum meu tiatru, qui eu sô atriz Du tiatru novu, sábi..A gente sempre dá um jeio... nós vamos cedo.” (tópico 7, 15, F.E)

Constituindo-se o único caso da pesquisa em que encontramos a utilização do nós concordado com as desinências gramaticalmente apropriadas para o verbo, tal caso é muito interessante tendo em vista que a falante F.E utiliza-se da forma “a gente” antes de reforçar seu ato ilocucionário, utilizando, pois, de “nós”. Nesse sentido, o “nós” é usado como uma forma de reforço da mensagem.

4.4. DESMASCARANDO AS MASCARAS DA MÁSCARA SOCIAL

Uma análise dos fatores extralinguísticos

Tendo como ponto de partida a utilização do nós e a gente, tivemos os seguintes resultados:

Nós + [mos]	1
Nós + Ø	0
A gente + [mos]	0
A gente + Ø	30

É indiscutível a superioridade do uso de a gente + Ø no contexto do ENEE. Como já foi dito, a única utilização diferente foi uma pequena fala produzindo nós+[mos].

Devemos ressaltar que o único caso de utilização de nós+[mos] foi de uma mulher pertencente à classe alta.

4.5. AVALIAÇÃO DO FENÔMENO PELA COMUNIDADE

Podemos perceber que, no que se refere à CV da primeira pessoa do singular, a fala do ENEE tende a usar a forma mais estigmatizada socialmente. Conversando com o diretor do centro de ensino especial 01, me foi relatado que esses alunos, em sua maioria, não possuem plena visão do preconceito linguístico que envolve esse tipo de variação menos culta. Segundo ele, “alguns nem têm consciência que sua fala não é a padrão, para eles é simplesmente normal, natural, está dentro do próprio português”.

Segundo a mãe D.D, do aluno R.D, seu filho já encontrou preconceito linguístico em situações familiares, informais. Apesar de não ter sido uma situação muito frequente, o problema aparente de comunicação de seu filho e a utilização de formas no infinitivo já geraram algumas “brincadeiras por parte dos nossos sobrinhos”.

A professora F.M, responsável por M.C, disse-nos que a aluna não encontra dificuldades de comunicação, apesar da não total eficiência em expressar-se. A professora nos diz, ainda, que todos os alunos da escola, segundo suas especificidades, conseguem se expressar da sua forma. Para ela, o ponto principal é “o que o professor e as pessoas “normais” fazem para se adaptar e para entender a maneira diferente de expressão deles (os alunos especiais)”.

M.C disse-nos que gosta das pessoas de sua escola porque eles “brincam, falam comigo”. Nesse sentido, percebemos que uma relação de respeito deve existir para que uma relação de comunicação

se estabeleça. Não apenas esse fenômeno da CV, como também todos os outros fenômenos linguísticos, todos possuem um grau de preconceito que repercute socialmente.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desmascarando a máscara das películas sociais

Trabalhar com o educando com necessidades educacionais especiais (ENEE) é trabalhar com um universo totalmente diferente do que estamos acostumados a lidar. Significa abrir-se a um horizonte de possibilidades sociais diferentes das nossas. Infelizmente, ainda é um universo que carece que olhares atenciosos tanto no quesito educação quanto nos quesitos solidariedade e compreensão.

Nesse sentido, analisar a CV em ENEE é muito proveitoso pois contribui para a sociolinguística quantitativa no sentido de abrir uma nova perspectiva para a análise de fenômenos extralinguísticos. Consideramos que a percepção de fenômenos recorrentes nesse tipo de aluno como uma proposta geral contribui para o entendimento do funcionamento da língua em seus milhares de falantes com peculiaridades muito destacáveis. Não apenas como recurso paliativo, mas como recurso atual, a análise linguística sempre será passível de grandes utilidades práticas para a sociedade.

O ENEE possui, muitas das vezes, uma individualidade acentuada devido aos processos sociais em que ele está sujeitado, tendo como ponto de partida desde o berço familiar até a sua interação com amigos. Segundo a professora Stella

Barreiros (que nos recebeu no centro de ensino especial) “os alunos têm a possibilidade de superarem os seus problemas de individualismo na escola. Porém, nem todos conseguem superá-lo”. Relacionamos, como uma possível análise de compreensão, esse fator de individualidade para a tendência em se utilizar o verbo no infinitivo mesmo após a presença de perguntas destinadas ao coletivo, que tenderiam para uma resposta com a primeira ou terceira pessoa do plural.

Como planos futuros, pretendemos continuar com estudos mais aprofundados sobre essa temática exposta.

Sob o ponto de vista individual, a temática da CV em ENEE supriu as nossas expectativas e nos proporcionou olhares mais sensíveis para possíveis estudos.

IV- ANEXOS

CUITELINHO

COMPOSIÇÃO: PENA BRANCA E XAVANTINHO

Cheguei na bera do porto
onde as onda se espaia.
As garça dá meia volta,
senta na bera da praia.
E o cuitelinho não gosta
que o botão de rosa caia.
Quando eu vim de minha terra,
despedi da parentaia.
Eu entrei no Mato Grosso,
dei em terras paraguaia.
Lá tinha revolução,
enfrentei fortes bataia.
A tua saudade corta

como o aço de navaia.
O coração fica aflito,
bate uma, a outra faia.
E os oio se enche d'água
que ate a vista se atrapaia.

PRONOMINAIS

OSWALDO DE ANDRADE

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

REFERÊNCIAS

ALVES, Joana Lopes. A linguagem dos pescadores de Ericeira Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, 1993.

Bagno, Marcos, A língua de Eulália: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2006.

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009.

BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. Uso e variação de Nós e A gente na fala e escrita de alunos do ensino fundamental. Palhoça, 2009.

ESPINOLA, Sandra. Um estudo da concordância verbal no português do Brasil. Volume 1, 2006

MELLO, Heliana R. de. et ai. O português vernáculo do Brasil. In.: PERL, Matthias; SCHWEGLER, Armin (eds.). América negra: panorâmica actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas portuguesas y criollas. Lengua y sociedad en el Mundo Hispánico. 1998, p. 97-134, mimeo

NARO, A. N. & SCHERRE, M. M. P. to appear. Variable Concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: McWhorter. John. (cd.) Current issues in pidgin and creole linguistics. Amsterdam, Benjamin, 2000.

MEISTER, Raquel C.F & OLIVEIRA, Geralda de S.L. Sociolinguística. 2010.

SALGADO, Genivaldo. Aula a aula, Português -4º ed . VESTCON, 2001.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 1985